



PROFLETRAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ANADIR APARECIDA SELÓRIA

**TRABALHO FINAL DA DISCIPLINA “GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO”
UNIDADE DIDÁTICA – “O meu pé de laranja lima”: uma abordagem metodológica**

Maringá

2015

ANADIR APARECIDA SELÓRIA

**TRABALHO FINAL DA DISCIPLINA “GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO”
UNIDADE DIDÁTICA – “O meu pé de laranja lima”: uma abordagem metodológica**

Trabalho final apresentado à disciplina
“GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO”, do
Mestrado Profissional em Letras – Profletras,
ministrada pela professora doutora: Cláudia
Valéria Doná Hila.

Maringá

2015

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	3
2.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	4
3	UNIDADE DIDÁTICA	8
3.1	Abordando o tema	8
3.2	Discutindo as entrevistas	9
3.3	Apresentando o livro	9
3.4	Lendo o livro	11
3.5	Trabalhando o gênero	12
3.6	Conversando sobre a pesquisa	12
3.7	Analisando o capítulo “Os dedos magros da pobreza”	13
3.8	Retomando conteúdos	13
3.9	Exercitando o aprendizado	14
3.10	Discutindo a obra	14
3.11	Analisando a língua	16
3.12	Assistindo ao filme	17
3.13	Conversando sobre o filme	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5	REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma abordagem metodológica para ser desenvolvida com alunos do 9º ano do ensino fundamental, utilizando o romance, gênero discursivo que aborda e recria situações e acontecimentos da vida cotidiana dos mais variados campos sociais. A obra escolhida foi o livro “O meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos e o trabalho de leitura será complementado por estratégias como leitura dramática e dramatização; vídeos sobre as condições de produção do livro; além da exibição da adaptação mais recente do livro para o cinema (2012). Esses outros gêneros têm o intuito de enriquecer a leitura e podem oportunizar a promoção do letramento, a capacidade de reflexão e a criticidade nos educandos, pois de acordo com Bakhtin (1997, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”.

O trabalho objetiva desenvolver uma proposta pautada na abordagem dialógica de Bakhtin (1997) que contemple os gêneros do discurso e trabalhe os três pilares propostos por este teórico – conteúdo temático, estilo e construção composicional – por meio da realização de atividades que estimulem e auxiliem os alunos durante a leitura do livro e das atividades propostas. Realizando, assim, um trabalho intertextual que seja prazeroso para alunos do final do ensino fundamental II, uma vez que utiliza meios multissemióticos, com os quais ele está em contato.

A escolha pelo escritor José Mauro de Vasconcelos teve significativas razões: pertencer à literatura nacional; escrever de maneira simples e encantar multidões; classificação indicativa do livro ser favorável ao trabalho no ensino fundamental II; recorde de vendas; várias transposições da obra para: televisão, cinema, teatro, quadrinhos; tradução para muitos países; e, principalmente, porque é importante que ele seja conhecido e reconhecido pelos alunos da atualidade.

O trabalho se justifica porque há uma preocupação constante por parte dos professores, especialmente os de Língua Portuguesa, em promover e desenvolver o hábito da leitura nos alunos, principalmente nos da escola básica. É uma proposta de trabalho com estratégias que procuram estimular o gosto pela leitura, motivar as aulas de Língua Portuguesa e oportunizar a utilização de mecanismos para as habilidades de leitura e de escrita que proporcionem ao aluno a possibilidade de um posicionamento diante das mais variadas situações vivenciadas em seu cotidiano.

Isto em razão de ser muito comum surgirem entre os professores questionamentos como: *“Por que muitos alunos não gostam de ler? Por que os alunos se recusam a ler os livros indicados pelos professores?”* Estas questões geram controvérsias e a solução se torna cada vez mais distante. Assim, preferimos perguntar: *“De que forma podemos desenvolver o trabalho com textos para que se tornem leituras agradáveis e interessantes para os alunos?”* *“Como devemos apresentar textos canônicos e não canônicos aos alunos de maneira que eles os apreciem?”*.

Indagações como estas nos levaram a desenvolver esta proposta de trabalho como forma de apontar um possível caminho para trabalhar obras literárias na sala de aula, enriquecendo o currículo e ampliando a leitura ofertada pelos livros didáticos. De acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008), é preciso que

a escola seja um espaço que promova, por meio de uma gama de textos com diferentes funções sociais, o letramento do aluno, para que ele se envolva nas práticas de uso da língua – sejam de leitura, oralidade e escrita [...] O professor de Língua Portuguesa precisa, então, propiciar ao educando a prática, a discussão, a leitura de textos das diferentes esferas sociais (jornalística, literária, digital, etc.).

A unidade didática é apresentada com quadros na cor azul para orientar os professores que pretendam desenvolver a proposta com seus alunos; as atividades que serão explicadas e passadas aos alunos estão nos quadros em lilás. Vale ressaltar que o início das atividades foi desenvolvido com base na sequência básica proposta por Rildo Cosson (2014).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O trabalho a ser desenvolvido envolverá um gênero discursivo principal, que pertence à esfera literária – romance –, complementado por gêneros das esferas jornalística e midiática – vídeos e filme, respectivamente. São gêneros voltados ao lazer, ao deleite, à reconstrução da História da Humanidade, à instrução – mesmo que indiretamente –, e disponíveis à população. Estão contidas no conjunto dos gêneros discursivos tanto quanto uma infinidade de ações que realizamos em nosso dia a dia, de maneira tão intrínseca, que não nos atentamos formalmente para sua importância e sua existência.

Os gêneros discursivos estão incorporados às atividades das pessoas e auxiliam na realização de ações diárias e/ou esporádicas, nas mais diversas esferas da atividade humana, compreendendo relações familiares, sociais e profissionais, cultos religiosos, mídia, vida

cotidiana de maneira geral. E todas utilizam a língua, não causando surpresa “que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas”, mesmo mantendo a unidade nacional da língua (BAKHTIN, 1997, p. 279).

O estudioso russo, Mikhail Bakhtin (1997), adotou o romance para desenvolver sua teoria, gênero que é considerado por alguns teóricos como a maior expressão narrativa de liberdade e de completitude. É um gênero discursivo com capacidade para envolver e abranger todos os outros gêneros, entretanto, para Bakhtin, “o estudo do romance caracteriza-se por dificuldades particulares. Elas são condicionadas pela singularidade do próprio objeto: o romance é o único gênero por se constituir e ainda inacabado” (BAKHTIN, 2002, p. 397).

E as infinitas possibilidades que o romance oferece podem ser estendidas a todas as esferas das relações humanas, as quais, segundo Bakhtin (1997, p. 279), têm sua comunicação e intercomunicação efetuadas por meio de enunciados relativamente estáveis (orais ou escritos). Esses enunciados são possíveis por meio da língua e podem ser concretos e únicos, além de fundirem, indissolúvelmente, três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Estes elementos refletem as peculiaridades das enunciações, nas mais variadas esferas. É importante salientar que essas esferas não são estanques e, à medida que se desenvolvem, os gêneros também são ampliados e desenvolvidos.

Assim, os gêneros discursivos são em número tão diverso e díspar que não seria possível estudá-los pela mesma perspectiva, pois cada qual se constitui numa esfera e possui suas idiossincrasias. De forma que uma pessoa pode dominar o gênero de uma determinada esfera e sentir dificuldades e/ou insegurança ao ter de se pronunciar em outra esfera – por exemplo, um professor que só trabalha com adultos, poderá sentir dificuldade se tiver de dar aulas para crianças, assim também um professor acostumado a falar diariamente com alunos nas salas de aula poderá sentir dificuldades se tiver de se pronunciar para uma grande plateia.

Para Bakhtin (1997), os gêneros podem ser primários ou secundários sendo que estes incorporam e transformam aqueles. O filósofo russo salienta, ainda, que é importante apresentar a diferença entre ambos: “Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Os gêneros primários são basicamente – mas não totalmente – orais, classificados como simples, enquanto os secundários são definidos como complexos. O diálogo, por exemplo, é um gênero discursivo simples, ao passo que o romance, o teatro e o filme são

complexos, mas estes interiorizam o diálogo ao reproduzir as falas dos personagens e/ou atores. Assim, os gêneros secundários encerram em si a incorporação de muitos gêneros primários representando várias esferas da atividade humana.

O romance é composto pelos três pilares apresentados por Bakhtin (1997, p. 279) – estilo, conteúdo temático e construção composicional – específicos e peculiares, como qualquer outro gênero de qualquer esfera da sociedade. O filósofo russo (1997, p. 283) assevera que o estilo é intrínseco ao enunciado e, por isso, “pode refletir a individualidade da língua”. Para o estudioso, “quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero” (BAKHTIN, 1997, p. 286).

Desta forma, é possível dizer que o estilo ajuda a caracterizar o gênero, uma vez que é indissociável dele e é escolhido conforme o público alvo e a esfera a que este público pertence, havendo estilos mais aprimorados e formais para pessoas, ocasiões e textos que exigem mais formalidade, assim como menos rebuscados para situações informais. O autor também tem um estilo próprio que o identifica. Assim, o estilo ajuda a caracterizar tanto o gênero quanto o autor.

O conteúdo temático abrange o sentido geral que se pretende dar ao gênero. Assim, uma homilia, por exemplo, exprime o conteúdo temático das religiões, mas cada homilia poderá falar de assuntos distintos e peculiares à situação para a qual foi requisitada – casamento, morte, batizado, por exemplo. Além disso, esta exortação pode ter sua especificidade, também, em um âmbito maior que é o conteúdo temático de qualquer celebração religiosa. Dessa forma, o conteúdo temático do gênero existe em função dos objetivos que se pretendam com tal gênero e também da esfera da atividade humana à qual se destina. Um romance clássico, por exemplo, pode ser reescrito com uma linguagem acessível a um determinado público e/ou adaptada ao momento presente da reescrita, assim como um romance, clássico ou não, pode ser transposto para o cinema, ganhando novas características formais; um filme também poderá ser regravado trazendo conteúdos atuais à regravação.

A construção composicional é propriamente a estrutura do gênero, a maneira como ele é organizado, sendo importante para identificá-lo e utilizá-lo, pois basta visualizar o texto para saber de qual gênero se trata. Mesmo que um texto apresente caracteres ilegíveis, ao observar sua forma, uma pessoa letrada saberá quando se trata de uma receita, de uma carta, de um bilhete, de um texto dramático, de uma poesia e/ou de tantos outros gêneros facilmente

identificáveis por seu aspecto estrutural. Tanto que, no caso de hibridismos de gêneros, ao ler o texto e observar seu conteúdo temático, percebe-se que se trata de outro gênero, diferente daquele para o qual determinada forma foi criada. Por isto é significativo que se verifique os três pilares ao analisar um texto. A construção composicional do romance é bastante abrangente, pois nele podemos encontrar uma infinidade de outros gêneros, como diálogo, carta, bilhete.

Entretanto esses três pilares sofrem transformações quando, por exemplo, um romance é transposto para o cinema, pois eles precisam ser adequados ao novo gênero e à nova esfera que possuem condições de produção ímpares. Geralmente, o conteúdo temático se mantém, mas se apresenta com outra roupagem, de acordo com a construção composicional específica e o estilo do suporte – cinema –, além do estilo individual do produtor, diretor e roteirista. Para ser produzido e exibido precisa de representação, iluminação, música, expressão corporal e linguagem verbal que muitas vezes provocam grandes mudanças na obra original por causa das adaptações que precisam ser feitas ao transpor a linguagem verbal para a verbo-audiovisual. Além de contar com os recursos específicos do cinema como enquadramentos, seleção e cortes de cenas, montagem, recursos audiovisuais, efeitos especiais e, principalmente com os ângulos de filmagem da câmera. Esta prende a atenção do espectador porque age, no cinema, como um narrador que esmiúça e desenvolve o enredo, na obra escrita. É um recurso que possibilita, inclusive, apresentar e manter uma cena, pois dá continuidade ao roteiro, independentemente da presença ou ausência do personagem em determinada cena, de sua ação ou inércia, de sua fala ou de seu silêncio.

Na divulgação do romance processa-se um diálogo entre quem escreve com quem lê, apesar de não ser simultâneo. Esse fato faz com que o leitor reconheça o autor em outros textos, pois a individualidade deste está expressa na obra por meio de seu estilo individual. É muito comum reconhecer um autor em produções alheias, quando se conhece seu estilo. Isso faz com que haja um diálogo em cadeia, no qual o autor insere em sua obra outros diálogos, internalizados por ele, de obras que tenha tido contato. O que proporciona abrangência e interação de sujeitos dos mais variados tempo e espaço. Há também a adequação do estilo de quem produz, ao gênero escolhido para atingir seus objetivos. Dessa maneira, conforme o desejo ou necessidade de se comunicar com uma determinada esfera social, será escolhido o gênero indicado para tal, como assevera Bakhtin (1997, p. 298, grifo do autor):

[...] o sujeito falante – o *autor* da obra – manifesta sua individualidade, sua visão do mundo, em cada um dos elementos estilísticos do desígnio que presidia à sua obra. Esse cunho de individualidade apostado à obra é

justamente o que cria as fronteiras internas específicas que, no processo da comunicação verbal, a distinguem das outras obras com as quais se relaciona dentro de uma dada esfera cultural – as obras dos antecessores, nas quais o autor se apóia, as obras de igual tendência, as obras de tendência oposta, com as quais o autor luta, etc..

No romance, a resposta do interlocutor se dá igualmente, mas de maneira individual, até mesmo intuitiva, ou em conversas informais, raramente com o autor. São conhecimentos que o leitor leva para seu dia a dia, mantendo um diálogo com o autor à medida que passa por experiências semelhantes às lidas. Assim, o gênero é incorporado pelo interlocutor e passa a fazer parte de sua vida.

A concepção de gênero alicerçada pelos três pilares – conteúdo temático, estilo e construção composicional – é um legado deixado por Bakhtin (1997) que sustenta os gêneros discursivos conhecidos até os dias atuais e, provavelmente, dará suporte aos gêneros vindouros. Da mesma forma, esses pilares contribuirão para o desenvolvimento do trabalho com a obra “O meu pé de laranja lima”, proporcionando aos alunos de 9º ano, a percepção do modo como a linguagem articula sentidos para cada um dos suportes em que está inserida.

UNIDADE DIDÁTICA – “O meu pé de laranja lima”: uma abordagem metodológica

Estimular para a leitura: Este momento motivará os alunos para a leitura que será sugerida posteriormente. É uma atividade que trabalhará o conteúdo temático da obra.

ABORDANDO O TEMA

1. Para a próxima aula, vocês farão pesquisas e entrevistas sobre o tratamento dado às crianças de antigamente e dos dias atuais, como detalharei no quadro de giz:
 - a) Entrevistar os avós ou os bisavós (quem tiver) para saber como as crianças eram educadas em sua época.
 - b) Pesquisar em livros ou na Internet sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).
 - c) Procurar o presidente do Conselho Tutelar para falar sobre o ECA e perguntar sobre como as leis que protegem a criança nos dias atuais.
 - d) Conversar com uma psicóloga sobre os traumas que pode ter uma criança que recebe maus tratos físicos e psicológicos.

DISCUTINDO SOBRE AS ENTREVISTAS

1. Vocês vão se reunir em equipes com quatro integrantes em cada uma. Terão quinze minutos para apresentar as pesquisas e entrevistas uns aos outros. Em seguida, cada equipe deverá escolher uma pessoa para apresentar à turma um resumo do trabalho feito. Encerraremos com uma discussão sobre o material trazido.
2. Antes deste trabalho, vocês tinham noção de como era a educação dos filhos antigamente? Comentem.
3. Vocês acham que a criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) interferiu na maneira de educar as crianças? Por quê?
4. O que vocês acrescentariam ao estatuto? Tirariam alguma parte? Qual?

Apresentar o livro: Sugerimos para este momento que o professor leve os alunos à biblioteca da escola ou à biblioteca municipal. É importante deixar os livros do escritor José Mauro de Vasconcelos, principalmente “O meu pé de laranja lima”, expostos sobre as mesas. Falar sobre a obra, o autor e sobre as condições de produção. Em seguida, usando um projetor de imagens, mostrar as capas das mais variadas edições e os vídeos sobre as condições de produção da obra.

Antes de sair da biblioteca, é importante que os alunos peguem um exemplar emprestado. Poderá ser sugerido, também, que quem tenha recursos financeiros, adquira um exemplar das edições que já estiverem conforme com Novo Acordo Ortográfico. Além de fornecer o link em que a história está disponível em PDF: <http://www.jfjb.jus.br/arquivos/biblioteca/e-books/meu_pe_de_laranja_lima.pdf>. Neste momento, o professor deverá combinar uma data limite com os alunos para o término da leitura.

APRESENTANDO O LIVRO

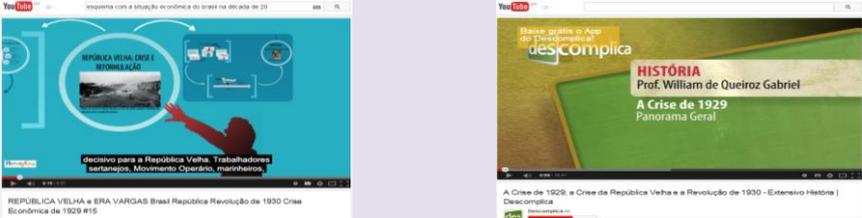
1. Pessoal, o livro “O meu pé de laranja lima” já está na 134ª edição, sendo que a partir da 117ª edição está de acordo com a nova ortografia. Foi escrito por José Mauro de Vasconcelos, em 1968, e traz uma história autobiográfica, ou seja, o autor conta a própria história. Ele nasceu no bairro Bangu, no Rio de Janeiro, em 1920, teve uma infância muito pobre, sendo o penúltimo filho de uma família bastante numerosa. Ele descreve um pequeno momento de sua vida entre 1925 e 1926, talvez menos de um ano, mas repleto de ternura. Aqui, o escritor nos dá uma boa visão de como as crianças eram educadas na década de 20, no Brasil – pelo menos em seu núcleo familiar.
2. Deste livro já foram feitas três adaptações para a televisão, duas para o cinema, uma para o mangá e foi transposto, também, para o teatro. Além de ter sido traduzido na Áustria, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina, Itália, Holanda, França e muitos outros países.
3. Vejam, agora, algumas capas das mais variadas publicações:



4. O que há de comum em todas as capas?

5. O que é possível dizer sobre o garoto presente na maioria delas? Expliquem.

6. Na época em que o livro foi publicado, o Brasil vivia um momento em que os escritores faziam denúncias sobre a situação de penúria em que vivia a população brasileira. De maneira que surgiam romances de todas as regiões do país denunciando a situação do povo. Para que vocês tenham uma noção do momento político e socioeconômico do Brasil, na década de 20, vamos assistir a dois pequenos vídeos:



https://www.youtube.com/watch?v=vZ2U_kW5ZK0

https://www.youtube.com/watch?v=nXpu_VhxoKI

Em seguida, discutir rapidamente sobre o que foi abordado nos vídeos, realizando apenas uma apresentação da obra, de suas condições de produção e do escritor.

1. O que vocês acharam dos vídeos? Alguém tem alguma pergunta?
2. De acordo com os vídeos, como era a situação do Brasil na década de 20?
3. Se o escritor nasceu em um momento difícil da História Brasileira, escreveu seu livro em um período igual ou mais conturbado que o anterior. A época da Ditadura Militar foi complexa para todos os brasileiros, durou de 1964 a 1985. Nessa fase, toda palavra pronunciada nas ruas, escolas, repartições comerciais que fosse suspeita de ir contra o Governo, era investigada pelos militares.

Os livros escritos e as músicas compostas passavam pela censura do Estado, que

aprovava ou impedia a publicação e/ou lançamento. As pessoas eram detidas para prestar depoimento e muitas delas desapareciam. Entretanto, a censura era mais branda com a publicação de livros direcionados a crianças. Este fato pode ter levado Vasconcelos a mudar para um público mais jovem, já que escrevia para adultos.

Outra característica das décadas citadas é que não havia, ainda, um cuidado especial com as crianças. Elas eram tratadas como se fossem adultos, sendo que somente em 1990, com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), é que começaram a ser vistas como seres humanos que necessitavam de tratamento específico e diferenciado, como vocês puderam constatar nas entrevistas e pesquisas que fizeram.

Vasconcelos relatou sobre essa fase da infância somente aos quase cinquenta anos de idade, escrevendo o livro em doze dias. Sobre isto, ele afirmou: “Porém estava dentro de mim havia anos, havia vinte anos” (VASCONCELOS, 2012, p. 188).

Para que vocês saibam mais sobre a Ditadura Militar, assistam a mais um vídeo:



Iniciar a leitura: Sugerimos que o professor trabalhe a construção composicional do romance, por meio de suas características e que proporcione a leitura do primeiro capítulo do livro na sala de aula ou na biblioteca. Assim que terminarem, é bastante produtivo que se inicie uma discussão sobre o trecho lido. Momento em que todos poderão falar sobre as impressões que tiveram. Depois, é essencial que os alunos continuem lendo o livro em casa.

LENDO O LIVRO

1. Vamos ler este livro? Vocês podem emprestar um exemplar da biblioteca ou ler a versão em PDF que está disponível na Internet. O link será postado no *Facebook* da turma. Poderão, também, adquirir uma versão revisada conforme o último Acordo Ortográfico.
2. Precisamos marcar um prazo para a leitura. Eu creio que vocês consigam ler em uma semana, mas sugiro um prazo máximo de trinta dias para que todos consigam ler.
3. Vamos ler o primeiro capítulo na sala ou na biblioteca. Porém, antes vamos estudar as características do romance, pois é importante que vocês prestem atenção à estrutura da narrativa durante a leitura. Deverão observar se o narrador é personagem ou não; quando e onde a história acontece; quem é o protagonista; e, também, o desenvolvimento da trama: conflito, clímax e desfecho.

TRABALHANDO O GÊNERO

Romance: O romance é um gênero literário narrativo complexo, uma vez que apresenta um núcleo principal e outras tramas secundárias que giram em torno deste núcleo. Sua estrutura é composta por narrador (foco narrativo), enredo, personagem (ens), tempo e espaço.

Narrador: Não pode ser confundido com o autor; ele pode ser uma personagem, principal ou secundária; um observador, apenas conta os fatos; ou onisciente, sabe tudo a respeito dos personagens, inclusive o que pensam e o que sentem.

Enredo: É a trama, propriamente, que descreve a ação das personagens. Possui início, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Personagens: Representam a razão da narrativa. Podem ser principais ou secundárias.

Tempo: Pode ser cronológico, quando marca o tempo externo pela sequência das horas e dos dias; ou psicológico, quando acompanha o pensamento e os sentimentos das personagens – subjetivo.

Espaço: É o ambiente em que as ações acontecem. Pode ser físico (ambiente externo) ou psicológico (o interior das personagens). Junto ao tempo, o espaço tem influência direta sobre a trama.

(SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.)

De acordo com Bourneuf e Ouellet (1976, p. 24), o romance é um gênero literário que “[...] simultaneamente cria o isolamento e permite superá-lo; o leitor pode viver as vidas possíveis que lhe recusam a sua condição social, a época, as suas insuficiências pessoais, ou o acaso”.

Incentivar o prosseguimento da leitura: Sugerimos que na segunda semana após o início da leitura, o professor solicite aos alunos que entrevistem pessoas mais velhas de seu convívio a respeito das brincadeiras de antigamente. O segundo capítulo traz esse assunto.

1. Façam uma pesquisa por meio de conversas com seus pais, avós, tios, vizinhos e peçam para eles relatarem como brincavam na infância. Anotem todos os detalhes e tragam para a próxima aula.

CONVERSANDO SOBRE A PESQUISA

1. Quem gostaria de começar a relatar sobre a pesquisa realizada?
2. Vocês acharam alguma brincadeira parecida ou igual às de Zezé? Quais?
3. Que diferenças vocês perceberam entre a maneira como as crianças brincavam

antigamente e como brincam nos dias atuais? Por que razões há tantas diferenças?

Propomos que, entre dez e quinze dias do início da leitura, o professor realize uma discussão sobre o terceiro capítulo – primeira parte do livro, com o intuito de motivar a continuidade da leitura e de esclarecer possíveis dúvidas.

ANALISANDO O CAPÍTULO “OS DEDOS MAGROS DA POBREZA”

1. Qual das partes lidas foi mais emocionante para vocês?
2. A primeira seção (p. 35) traz o diálogo entre Zezé e tio Edmundo sobre o morcego Luciano. O tio diz assim: “[...] *Se ele não puder ir, porque tem outros compromissos, ele manda um irmão, um primo, qualquer parente e você nem vai notar*”. Este trecho traz a grande sensibilidade do tio para com o sobrinho, mostrando como entendia o universo infantil e, principalmente, a mente do garoto. Ele não mentiu para Zezé nem destruiu seu castelo de sonhos e fantasias. Assim, quais características podem ser atribuídas ao tio Edmundo?
3. Tio Edmundo mostra-se muito sensível nessa conversa com Zezé, pois dá atenção e demonstra respeito à imaginação da criança. Por que um homem com tamanha sensibilidade deixaria de receber a visita e o carinho dos cinco filhos que tinha?
4. A terceira seção do capítulo (p. 44) é iniciada com o diálogo entre Zezé e Totoca. Há um trecho que merece maior atenção: quando Zezé fala que o irmão sabe fazer de tudo: “[...] *gaiola, galinheiro, viveiro, cerca, cancela [...]*” e o mais velho responde: “_ *Isso é porque nem todo mundo nasceu para ser poeta de gravata de laço [...]*”. O que é possível afirmar sobre o que há de positivo por trás desta resposta?
5. Nessa seção (p. 45) há outro trecho bastante relevante. É quando Totoca fala sobre seus sentimentos a respeito do Natal: “_ *Não espero nada. Assim a gente não fica desapontado*”. Totoca era mais velho que Zezé, porém também era uma criança. Você acha que a solução encontrada por ele para não ter decepções evita o sofrimento? Por quê? Comente sobre os sentimentos de Totoca.

RETOMANDO CONTEÚDOS

Sugerimos que o professor retome os conteúdos abaixo, para trabalhar o estilo do autor:

As figuras de linguagem ou de estilo são recursos linguísticos utilizados para expressar melhor o que se fala e o que se escreve. São classificadas em:

1. Figuras de palavras (ou tropos).
2. Figuras de construção (ou de sintaxe).
3. Figuras de pensamento.

Metáfora: É uma figura de palavra em que há uma comparação entre dois seres ou fatos de ordem mental, pois não aparecem palavras que a comprovem na sentença. Ex.: a) Todo relacionamento tem seus espinhos. b) Nem toda viagem é um mar de rosas.

Comparação: É uma figura de pensamento que compara dois seres, dois fatos ou duas ideias. Ex.: a) Nem toda viagem é como um mar de rosas.

Hipérbole: É uma figura de pensamento com a função de apresentar um exagero ao que está sendo dito. Ex.: Cheguei morta de sede.

(*BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. Projeto Teláris: Português. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.*)

EXERCITANDO O APRENDIZADO

1. Releia a quarta seção do capítulo terceiro da primeira parte (p. 46-48), que narra a ceia de Natal da família Vasconcelos e, com base no conceito de metáfora, retire duas metáforas.
2. Ainda neste capítulo, na quinta seção (p. 48-49), identifique qual figura aparece nos seguintes trechos:
 - a) “[...] Parecia que seus olhos tinham crescido tanto, mas crescido tanto que tomavam toda a tela do cinema Bangu.”
 - b) “[...] Precisei sentar na cama. E de lá espiava meus sapatinhos tênis no mesmo canto, vazio de tudo. Vazio como o meu coração que flutuava sem governo.”
 - c) “E os olhos grandes dele, como tela de cinema, estavam grudados me olhando. Fechava os olhos e enxergava os olhos grandes, grandes [...]”

Sugerimos que o professor converse com os alunos sobre a história durante suas aulas para incentivar a continuidade da leitura e solucionar possíveis dúvidas que surgirem.

Ao terminar a leitura: Assim que terminar o prazo combinado para ler o livro, é interessante que o professor recolha as impressões de leitura que os alunos tiveram e que as anote no quadro de giz. Em seguida, juntamente com eles, delimite as interpretações possíveis e descarte as incoerentes com relação à história. É um momento em que todos falam de suas sensações e percepções, inclusive o professor.

Após essas discussões, propomos que os alunos façam a dramatização da parte da flor, na escola (p. 73-75); e a leitura dramática da parte em que Zezé está com o pé ferido e Valadares leva-o para fazer um curativo (110-114). Salientamos que o objetivo da dramatização não deva ser a transposição do livro para o teatro, mas usar o teatro para ler o livro, por isso não é importante transpor esta parte do romance para o gênero dramático.

DISCUTINDO A OBRA

1. Agora que acabamos de ler o livro, vocês vão falar sobre as impressões de leitura que tiveram. Quem gostaria de começar?
2. Vamos ler e discutir o que vocês falaram. Alguém modificaria alguma dessas impressões? Qual (is)? Por quê? Como ficaria então?
3. O que vocês sentiram com o fato de o garoto Zezé, tão incompreendido, tenha conseguido superar os problemas e se tornado um grande escritor? Comentem.
4. Trazendo a história para os dias atuais, como vocês acham que seria? Quais mudanças ocorreriam?
5. Vamos fazer a dramatização da última seção do capítulo quarto (p. 73-75) e realizar a leitura dramática da última seção do capítulo segundo da segunda parte do livro (110-114). Para dramatizar, não há necessidade de decorar as falas, portanto poderão improvisar. Escolheram o que querem fazer: leitura dramática, representar ou ajudar na dramatização: dirigir, organizar o cenário, figurino e objetos necessários.
Primeira parte – capítulo quarto (última seção):
 O passarinho, a escola e a flor (Personagens: Zezé, a professora, Godofredo, figurantes).
Segunda parte – capítulo segundo (última seção):
 A conquista (Personagens: Zezé, português, figurantes, Glória, farmacêutico, dono da confeitaria).

É importante que a dramatização e a leitura dramática sejam feitas na aula seguinte, para que os alunos tenham tempo para leitura e organização. Após as apresentações, o professor poderá proporcionar um momento para discussões.

1. Vamos iniciar a dramatização e, em seguida, faremos a leitura dramática.

Análise linguística por meio do estilo do autor: José Mauro de Vasconcelos tem um estilo muito particular para escrever, mas mesmo sendo recorde de vendas, o escritor recebeu muitas críticas por este estilo. Sobre seu modo de escrever, ele mesmo disse:

O que atrai meu público deve ser a minha simplicidade, o que eu acho que seja simplicidade. Os meus personagens falam linguagem regional. O povo é simples como eu. Como já disse, não tenho nada de aparência de escritor. É a minha personalidade que está se expressando na literatura, o meu próprio eu (VASCONCELOS, 2012, p. 190).

Explicando sobre as características positivas da obra de Vasconcelos, Faria (1997) afirma que são de tanta importância que aspectos negativos como “o sentimentalismo brega e lacrimajante que encharca as páginas e os desníveis de linguagem se tornam secundários”

(FARIA, 1997, p. 50). Em nota de rodapé, a estudiosa (1997, p. 50) esclarece que estes desníveis “são as oscilações dos níveis de linguagem, que desequilibram o tom da narrativa, variando de um estilo muito culto a uma linguagem coloquial, muito bem captada [...]”.

Com base nestas observações, apresentaremos alguns exercícios para trabalhar a linguagem conotativa usada pelo escritor e expressa por Zezé, além de exercícios de análise linguística para trabalhar alguns desses desníveis de linguagem da obra de Vasconcelos – tanto os apontados por Faria (1997) como outros observados durante a leitura.

ANALISANDO A LÍNGUA

1. O escritor José Mauro de Vasconcelos tem um estilo simples e bastante singular. Narra os fatos pela perspectiva de uma criança de cinco anos de idade e utiliza linguagem conotativa – linguagem figurada, simbólica –, comum em textos literários, mas bastante marcante neste escritor. Muitas vezes faz uso de linguagem formal e coloquial no mesmo período, oscilando entre uma e outra.
2. Vocês vão se reunir em equipes para analisar e explicar a linguagem conotativa utilizada por Vasconcelos nos trechos abaixo, retirados do capítulo quarto da primeira parte do livro:
 - a) No terceiro parágrafo, da segunda seção:
 - _ “A Fábrica era um dragão que todo dia comia gente e de noite vomitava o pessoal muito cansado” (p. 61);
 - _ “Mamãe me bateu duro dessa vez. *O chinelo cantou* e eu tive mesmo que *berrar* para diminuir a dor e ela parar de me bater” (p. 63, grifo nosso).
 - b) No primeiro parágrafo da terceira seção:
 - _ “[...] Ia ser duro encontrar outra meia que ficasse *tão cobra como aquela*” (p. 63, grifo nosso);
 - _ “Eu já conhecia todas as cartas do baralho. Só que não gostava muito era do valete. *Não sei por que eles tinham jeito de empregados do Rei*” (p. 64, grifo nosso);
 - _ “Sentia que ele se deliciava com as minhas ‘precocidades’” (p. 65);
 - _ “Encostei minha cabeça no coração de Minguinho e fiquei olhando a nuvem ir-se embora” (p. 67).
 - c) Na quarta seção:
 - _ “Ela me olhou bastante e os olhos dela ficavam grandes e pretos porque os óculos eram muito grossos. *Gozado é que ela tinha bigode de homem*. Por isso é que ela devia ser diretora” (p. 68, grifo nosso);
 - _ “E aquilo foi comprovado quando ela mandou que eu desse uma volta para ver o meu tamanho e número e acabou vendo os meus remendos”;
 - _ “Dona Eulália também se admirou com o meu tamanho e o menor número que tinha me fazia parecer um pinto calçado” (p. 69);

_ “Saí todo contente com dois uniformes de presente. Imagine a cara de Minguinho quando me visse de roupa nova e de aluno” (p. 69);

_ “*Ela era limpinha* e trazia na mão o livro e o caderno encapados. Usava duas trancinhas” (p. 69, grifo nosso);

_ “_ Menino também pode levar?” (p. 70);

_ “Ninguém tinha levado uma flor sequer para minha professora D. Cecília Paim. *Devia ser porque ela era feia*. Se ela não tivesse uma pintinha no olho, não era tão feia” (p. 70, grifo nosso).

d) Na quinta seção:

_ “[...] O melhor ‘leitureiro’. Aí fiquei com as minhas dúvidas e resolvi que na primeira oportunidade ia perguntar a Tio Edmundo se era leitureiro mesmo” (p. 70).

e) Na sexta seção:

_ “E todos os dias fui tomando gosto pelas aulas e me aplicando cada vez mais. Nunca viera uma queixa contra mim de lá. Glória dizia que eu deixava o meu diabinho guardado na gaveta e virava outro menino” (p. 71);

_ “_ [...] E não é caro. Não paga nem o feitio. [...] repetindo as frases de Jacob prestamista” (p. 73).

3. Em grupos de três pessoas, analisem dois capítulos do livro e anotem pelo menos três trechos com linguagem formal e outros três com linguagem coloquial.
4. Como seria a primeira frase do livro se fosse escrita com uma linguagem padrão formal: “A gente vinha de mãos dadas [...]” (p. 11)?
5. Se Vasconcelos tivesse um estilo formal e rebuscado, mudaria seu público leitor? Por quê? Explique.

Exibição do filme: Para encerrar as atividades, propomos a exibição do filme “Meu pé de laranja lima”, transposição de 2012 para o cinema e, em seguida, a realização das discussões.

Para esse momento, é importante que o professor fale para os alunos que a “adaptação é um processo de construção de um novo enunciado, ou seja, de composição de uma nova arte” (CORSI, p. 70, 2013). Assim, os alunos poderão apreciar a mesma história por outra perspectiva.

ASSISTINDO AO FILME

1. Vamos agora assistir ao filme “Meu pé de laranja lima”. É uma transposição do livro para o cinema, dirigida por Marcos Bernstein, em 2012.
2. Toda vez que ouvimos algo, nossa mente forma imagens a partir das experiências por nós vividas. Deste modo, durante a leitura do livro, vocês foram imaginando como

seria o Zezé fisicamente assim como seriam os outros personagens também. Vocês foram construindo imagens dos lugares em que se passou a história. Cada um de vocês formou uma imagem diferente, pois no decorrer da vida vivenciaram coisas diferentes. Da mesma forma, tanto a produtora do filme, Kátia Machado, quanto Bernstein (diretor) e Melanie Dimantas, roteiristas, também formaram imagens de acordo com suas vivências a respeito da história. Por isso, quando iniciar o filme, não fiquem presos às imagens internas que vocês formaram. Assistam à película como se fosse outra história, como de fato é, pois os responsáveis pelo filme reescreveram a história de Vasconcelos a partir de perspectivas e experiências pessoais que tiveram.

3. Vocês vão perceber, também, que a transposição de Bernstein (2012) não é um filme de época, é uma versão contemporânea da história.



Com o término da exibição do filme, sugerimos que haja uma discussão sobre as percepções e sentimentos dos alunos, sobre a forma como o cinema abordou a história e sobre como a câmera foi usada para ajudar a narrar a história.

Nesse momento, recomendamos que os alunos tenham oportunidade para falar sobre o Zezé que tinham internalizado, durante a leitura, com o Zezé das telas e, assim também, com os outros personagens.

CONVERSANDO SOBRE O FILME

1. Gostaram do filme? O protagonista é filho do cantor sertanejo Leonardo. Sabiam?
2. Quem gostaria de falar sobre o Zezé que tinha imaginado, durante a leitura do livro e do Zezé do filme, idealizado pela produção cinematográfica?
3. O que vocês acharam da atuação dos atores?
4. O local em que se passou a história cinematográfica é parecido com o local que vocês imaginavam?
5. Vocês perceberam alguma coisa no filme que não existia na década de 20 nem da década de 60? O quê? Por que será que o diretor as colocou no filme?
6. Vocês lembram qual era a cidade natal de Vasconcelos? O filme se passou nesta cidade? Comentem.

7. Quem gostaria de mudar algo no filme? O quê?
8. O filme retratou a sensibilidade do tio Edmundo com a mesma profundidade que o livro? Comentem.
9. As partes com a professora foram carregadas de emoção como no livro? Comentem.
10. Que parte do filme foi mais emocionante? E qual foi mais emocionante no livro?
11. O que vocês acharam da música? Qual a sua importância para o filme? Em todos os filmes, as músicas têm essa importância?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta unidade didática foi produzida com o intuito de se fazer uma proposta de leitura que chamasse a atenção de alunos de 9º ano do ensino fundamental e que correspondesse aos nossos objetivos, já expressos acima. A escolha por trabalhar com uma obra que tivesse sido transposta para o cinema intencionava tornar o trabalho mais atrativo e dinâmico ao público alvo, além de ser uma forma mais prazerosa para o professor trabalhar.

O passo seguinte foi escolher a obra. Não foi uma escolha fácil, pois para desenvolver uma proposta de trabalho escolar é preciso seguir determinados parâmetros que afunilam as opções que vão surgindo. Por exemplo, é importante que se verifique a classificação indicativa do livro e do filme. Encontramos muitas obras que poderiam ser trabalhadas, mas sua transposição para o cinema tinha classificação para 14 anos, 16 anos, sendo então títulos excluídos para o desenvolvimento da proposta, uma vez que os alunos de 9º ano têm em torno de 13 e 14 anos.

Buscávamos, também, uma obra nacional, de escritor brasileiro, por acharmos importante apresentar nossos escritores a uma faixa etária tão acostumada a ler autores de *best sellers* estrangeiros, produtos de uma indústria cultural forte e poderosa. Desta forma, pensamos em José Mauro de Vasconcelos por duas razões: recorde de vendas no Brasil e no exterior e por estar um pouco esquecido na atualidade.

Apresentamos atividades para acompanhar a leitura com o intuito de estimular os alunos a ler a obra até o fim. E esse acompanhamento pode proporcionar o aprimoramento da leitura e o favorecimento do letramento ao aluno, por causa da discussão e análise do material lido com os colegas e com o próprio professor. Podendo ampliar a interpretação e as inferências de cada um, além de proporcionar ao aluno um caminho para a aquisição de uma atitude responsiva ativa perante o quê e quem o cerca.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp; Hucitec, 2002.

BERNSTEIN, Marcos; MACHADO, Kátia. **Meu pé de laranja lima**. [Filme – vídeo]. Produção de Kátia Machado, direção de Marcos Bernstein, roteiro de Marcos Bernstein e Melanie Dimantas. Brasil, 2013, 99 min, idioma: português com legenda em inglês e espanhol, vídeo widescreen 16:9, colorido. Distribuição Imovision.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Projeto Teláris**: Português. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. José Carlos Seabra Pereira (Trad.). Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

CORSI, Margarida da Silveira. **O Guarani**: literatura e cinema – ficções em interlúdio. Maceió: Leitura, 2013 (janeiro/junho). nº 51. p. 65-87.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CRISTIANO, Jener. **Ditadura militar** [vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q0E8gSOsL1c>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

FARIA, Maria Alice. *O meu pé de laranja lima* ou a “ternura da vida”. In: FARIA, Maria Alice (Org.). **Narrativas juvenis**: modos de ler. São Paulo: Arte & Ciência / Núcleo Editorial Proleitura, 1997. p. 35-58.

GABRIEL, Willian de Queiroz. **A Crise de 1929**: panorama geral. Vídeo: Extensivo História / Descomplica. Publicado em 04/12/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXpu_VhxoKI>. Acesso em: 14 nov. 2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da disciplina de Língua Portuguesa do Estado do Paraná**. Curitiba, 2008.

VASCONCELOS, José Mauro. **O meu pé de laranja lima**. 134. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

_____. **O meu pé de laranja lima**. Disponível em: <http://www.jfpb.jus.br/arquivos/biblioteca/e-books/meu_pe_de_laranja_lima.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2014.

_____. **Capas dos livros**. Disponíveis em: <<https://catalanonaeducacao.wordpress.com/2014/09/04/meu-pe-de-laranja-lima-2/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.